

**NOMEAR / QUALIFICAR:  
SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS  
EM PERSPECTIVA ISCURSIVA**

Rosane S. M. Monnerat (UFF)  
[rosanemmonnerat@gmail.com](mailto:rosanemmonnerat@gmail.com) e [rosanemmonnerat@globocom.com](mailto:rosanemmonnerat@globocom.com)

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

A proposta deste trabalho é estudar “categorias de língua” articuladas às “categorias de discurso”, na interseção texto/gramática, mostrando ser possível um estudo de língua pelo viés da construção de sentidos no texto, o que implica o processo de interpretação.

Na situação específica desta participação, tivemos de levar em conta tempo e espaço reduzidos; selecionamos, então, um texto – *O simpático*, de Silvio Lach – cuja análise desencadeará os comentários lingüístico-discursivos que funcionam como pistas concretas para a sua interpretação.

Partiremos das operações de *nomeação* e de *qualificação* do *processo de semiotização do mundo* (Charaudeau, 2005), o que acarreta a focalização dos substantivos e dos adjetivos, porém, numa perspectiva que transcende o nível puramente morfológico, atingindo, sobretudo, o discursivo. Nesse estudo, serão também fundamentais os conceitos de *referenciação* e de *cadeias referenciais* (Mondada; Dubois, 2003), responsáveis não só pela progressão tópica dos enunciados, como também por sua efetiva interpretação, e desvelamento dos sentidos implícitos.

**NOMEAR E QUALIFICAR**

Compartilhamos a mesma cultura, o mesmo conhecimento de mundo. Sempre que falamos ou escrevemos, operamos uma seleção nos sistemas lexical e gramatical da língua, buscando construir sentidos adequados às situações comunicativas de que participamos.

Para que se realize essa construção de sentidos, ou melhor, a *semiotização do mundo*, são necessários dois processos: o *processo de transformação*, que, sob a ação de um agente, efetiva a passagem

## AD – ANÁLISE DO DISCURSO

do mundo a significar ao mundo significado e o processo de transação, que faz desse mundo significado um objeto de intercâmbio entre os interlocutores (Charaudeau, 2005).

Das quatro operações constitutivas do processo de transformação - a identificação, a qualificação, a ação e a causação – interessam-nos, neste trabalho, sobretudo, as duas primeiras.

Na identificação, para que os seres do mundo sejam transformados em “identidades nominais”, é preciso nomeá-los, tarefa que cabe aos substantivos, no estudo da gramática. Já na qualificação, transformam-se os seres do mundo em “identidades descritivas”, em função das propriedades e características que os especificam, papel que cabe aos adjetivos, nos estudos gramaticais.

Vale observar que muitos autores não traçam limites precisos entre as classes de substantivos e de adjetivos. Perini (2000, p. 45), em função da permeabilidade funcional entre essas duas classes, propõe que sejam reunidas numa só, sob a denominação de *classes dos nominais*.

O título do texto analisado ratifica essa permeabilidade, pois o personagem Carlinhos, de “amigo supersimpático” passa à nomeação de “o simpático”. Em outras palavras, “simpático”, precedido de *atualizador* (artigo) está substantivado e, assim, passa a denotar não o atributo da entidade, mas a própria entidade, carreando, porém, para essa entidade as qualificações inerentes ao atributo (adjetivo). E é exatamente a partir das nomeações que se sucederão em torno da simpatia do personagem que o texto irá evoluir.

Na operação de nomeação, o substantivo pode-se apresentar como elemento lexical neutro, imparcial, restrito ao seu papel nomeador (articulado, portanto, estritamente ao papel que lhe confere a gramática tradicional), mas pode, também, ultrapassar essa simples função de nomeação e gerar, em combinação com outros, significações além do que está escrito, ou seja, implícitas, significações essas responsáveis pela construção do sentido global do texto – aquele que relaciona *sentido de língua* a *sentido de discurso*, no processo de *compreensão / interpretação*, pois os nomes não só nomeiam, mas sugerem idéias relacionadas às atitudes, aparências e comportamentos dos respectivos nomeados.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Em relação aos adjetivos, a seleção lexical parece ser ainda mais reveladora, já que ao escolher este ou aquele adjetivo, o sujeito comunicante deixa, no texto, marcas de sua subjetividade e intencionalidade, o que vem ratificar a afirmação de Charaudeau (1992, p. 663) de que “qualificar é tomar partido”.

No estudo das qualificações e dos atributos, trabalharemos com o conceito de *subjetivema* (Kerbrat-Orecchioni, 1980, p. 70): *unidades significantes cujo significado comporta o traço subjetivo e cuja definição semântica exige a menção de seu utilizador. Os subjetivemas podem ser afetivos e avaliativos.*

Nesse sentido, considerando-se o texto selecionado para análise, é interessante observar como se constrói a caracterização do personagem. A descrição física de Carlinhos começa a ser apresentada logo no início do texto, mas de forma indireta, implícita. Por exemplo, o fato de Claudinha estar-se atracando com outro *uns 40 quilos menos simpático que ele* é uma forma jocosa de se informar que ele era gordinho, o que é comprovado mais à frente, com a referência à sua barriga. Tinha também um nariz grande (“privilegiado”), ou seja, não era bonito, mas simpático. Essas suposições se confirmam mais adiante: *Afinal, simpático é sinônimo de feioso boa gente, balofo engraçado, carequinha agradável e coisas do tipo.* Apresenta-se mais uma característica física do “simpático”: era careca, eufemisticamente nomeado como “carequinha agradável”. Nesse ponto, cabe observar, na caracterização do que é “ser simpático” que os atributos apresentados como sinônimos de “simpático” não se enquadram no conceito tradicional do que seria sinonímia. Na verdade, o narrador não está considerando o “sentido de língua”, mas sim o “sentido de discurso”. Assim, para interpretar esse enunciado adequadamente, há necessidade que se considere o entorno do texto – a situação comunicativa que preside a narração, os tipos sociais que dela fazem parte, as ideologias que a recobrem, os valores (éticos, morais etc.) que estão em jogo, enfim, o *contrato comunicativo* estabelecido – para que, então, por meio da decodificação de implícitos, seja possível perceber que, nesse microcosmo em que o personagem está inserido, “ser simpático” é exatamente isso: ser *sinônimo de feioso boa gente, balofo engraçado, carequinha agradável e coisas do tipo.*

## AD – ANÁLISE DO DISCURSO

Na sua luta para conquistar o amor de Claudinha, Carlinhos procura superar adversários. Vejamos como são caracterizados.

Os concorrentes não são nomeados, prototipicamente, por meio de substantivos próprios, mas como entidades que se apresentam por meio de seus papéis sociais, via de regra, estereotipados: *outro, uns 40 quilos menos simpático que ele / surfistinha iniciante / o imbecil de carro do ano / roqueiro frustrado / mauricinho metido a besta / filhinhos de papai / marombeiros sem nada na cabeça / as narinas mais influentes / trombadinha.*

Na nomeação / qualificação dos concorrentes, o autor se vale de estratégias, tais como o emprego estilístico de diminutivos (“surfistinha”, “filhinho de papai”, “mauricinho”, “trombadinha”); transformação de substantivo próprio em comum (“mauricinho”) e emprego de figuras, como a metonímia “narinas mais influentes”, para se referir aos ricos e poderosos que consomem cocaína.

Além disso, o jogo da ambigüidade intencional e da polissemia revelam seleção lexical cuidadosa. Vejamos a passagem:

Não sabia mais o que fazer. Um dia, na praia, ao ver a Claudinha chegando com um mauricinho metido à besta, resmungou: “**Droga, droga, droga, três vezes droga. É isso! Droga**”(grifo nosso).

Esse jogo de polissemia constitui um caso de *ambigüidade intencional* de que o narrador tira partido na execução de seu *projeto de fala*. Assim, do sentido inicial de uma imprecisão, na expressão “Droga, droga, droga, três vezes droga”, passa-se ao segundo sentido, menos explícito, e que, por isso mesmo, abre-se à nova interpretação, inferível por marcas ou pistas que o próprio texto oferece: primeiro a visão de Claudinha com um *mauricinho metido a besta*, o que leva Carlinhos à imprecisão, daí, ele próprio estabelece a polissemia, ao passar do sentido inicial a outro, numa espécie de *insight*, como se, de repente, descobrisse o que deveria fazer para conquistar Claudinha.

Dessa forma, as escolhas lexicais são responsáveis por deslizamentos de sentido – *glissement sémantiques* – segundo Amossy (2005) que contribuem para a progressão tópica do texto.

Na caracterização dos concorrentes, observam-se nomes-atributos, que se sucedem numa seqüência por meio da qual se vai

delineando um perfil comum, pejorativo, da classe dos adversários. Trata-se de uma “cadeia referencial”.

## AS CADEIAS REFERENCIAIS E A CONSTRUÇÃO DO *ETHOS*

A cadeia referencial é definida por Corblin (1995, p. 27) como *uma seqüência de expressões de um texto entre as quais a interpretação estabelece uma identidade de referência*.

A análise das *cadeias referenciais* na produção discursiva permite a observação das transformações de designação que um mesmo referente pode apresentar em sua cadeia de remissão, como por exemplo, a retomada por meio de reiteração de item lexical, por pronominalização, por elipse, por mecanismos de recategorização, quais sejam: associação, sinonímia, paráfrase, metonímia, metáfora, hiponímia, hiperonímia, implicando a introdução de *objetos de discurso* na seqüência textual, os quais possibilitam a integração de informações velhas com novas na memória de curto e longo tempo.

Neste momento, cabe, então, apresentar o que se entende por “referência” e por “referenciação”.

Nos estudos textuais mais recentes, o conceito de *referenciação* vem substituindo o de *referência* pura e simplesmente. Enquanto esta última é uma noção mais gramatical, no sentido tradicional de designação extensional de referentes no mundo biossocial, a primeira tem um caráter basicamente pragmático-discursivo. Desse ponto de vista, considera-se que a referência não corresponde a uma etiquetagem apriorística entre linguagem e mundo, como se, entre ambos, houvesse uma relação biunívoca, mas sim, é tida como aquilo que designamos, representamos, sugerimos quando usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade. Sob tal pensamento é, então, mais adequado falar de *referenciação* e não de *referência*, de modo a ressaltar a noção de processo que caracteriza a idéia de referir, visto que não cabe aos referentes um estatuto ontológico: tanto as categorias discursivas quanto as cognitivas podem evoluir e se modificar de acordo com uma mudança de contexto ou de ponto de vista. Dessa forma, a *referenciação* como atividade discursiva, “implica uma visão não referencial da língua e da linguagem (Koch, 2004, p. 53), contrastando com a noção de *referência*,

## AD – ANÁLISE DO DISCURSO

por ir além da “simples representação extensional dos referentes do mundo extramental” e designar os referentes como *objetos-de-discurso* e não como *objetos- de-mundo*. (Koch, 2004, p. 57).

Por conseguinte, esses objetos-de-discurso são construtos culturais, representações constantemente alimentadas pelas atividades lingüísticas, de acordo com nossas crenças atitudes e propósitos comunicativos. Introduzidos lingüisticamente, os objetos-de-discurso não se esgotam nesse aspecto, mas se desenvolvem discursivamente categorizando ou recategorizando objetos.

É assim – renomeado, recategorizado - que se vai apresentando nosso personagem, na luta para alcançar seu objetivo. E, além disso, é por meio dessas recategorizações que o fluxo discursivo segue o seu curso, numa progressão tópica, que leva à dinamicidade na narrativa.

Carlinhos é o simpático, o amigo supersimpático, mas precisava mudar de imagem, criar novos adjetivos, agregar valores para conquistar Claudinha. Nesse comentário metalingüístico do autor, evidencia-se o conceito de novos *objetos-de-discurso/referenciação*.

A trajetória das mudanças por que passa o personagem é marcada por renomeações, na maioria dos casos, agregando-se um novo atributo aos já existentes: *Carlinhos; simpático; supersimpático; cara simpático; simpático-estiloso; simpático-estiloso-teatral; simpático-estiloso-teatral-intelectual-doidão-pra-caramba; simpático-estiloso-teatral-intelectual-doidão-pra-caramba-trafficante classe A; simpático-estiloso-teatral-intelectual-caretão; ô simpatia; cara muito simpático*.

Essas renomeações constituem “cadeias lexicais” por meio das quais se vai construindo a identidade do personagem. Tais cadeias são *remissivas* (cada novo perfil construído parte do atributo imediatamente anterior, ou seja, retoma-se o *dado* para se construir o *novo*) e *preditivas* (adiantam novas informações acerca do referente, gerando a progressão tópica do texto). Trata-se, portanto, do mecanismo da *referenciação* (e não simplesmente “referência”), em que se designam os referentes como *objetos-de-discurso* e não como *objetos- de-mundo*.

Por meio das cadeias referenciais, vai-se delineando o perfil, a imagem de Carlinhos. Trata-se do *ethos*, ou seja, daquilo que ele mostra de si mesmo - *ethos mostrado*- (Maingueneau, 2006, p. 69) na construção de sua identidade social e discursiva.

A descrição inicial do personagem, já explicitada no título, não é física, mas sim psicológica: “simpático” e, logo no segundo parágrafo, “supersimpático”. A descrição física ocorre algumas linhas após: *Carlinhos tinha suas virtudes. Porém, muito bem escondidas atrás da barriga e do nariz privilegiado*. É a partir dessa descrição inicial que se vai completando a montagem do personagem (como o narrador mesmo diz), agregando-se ao primeiro atributo os outros que vai incorporando na sua busca pelo amor de Claudinha.

Dessa forma, as recategorizações assinalam as transformações pelas quais o personagem vai passando, ao funcionarem como âncoras que vão balizando o desenvolvimento da narrativa até o final, de certa forma inesperado, pois ele vai perdendo tudo o que havia incorporado à sua imagem na busca incessante de seu objetivo - conquistar Claudinha - até perder a própria Claudinha. Não se desespereu, *aceitou numa boa, afinal era um cara muito simpático*.

#### À GUIA DE CONCLUSÃO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior, cujos resultados ainda estão sendo levantados. De qualquer forma, alguns pontos já podem ser apresentados.

Em primeiro lugar, cabe destacar a relevância das cadeias referenciais no desenrolar da narrativa e no estabelecimento das *isotopias* que se vão superpondo, nas transformações identitárias por que passa o personagem “o simpático”. Essas cadeias referenciais são formadas como se fossem “uma grande corrente”, ou seja, o elo novo se constitui a partir de sua relação com o antigo, oscilando entre aquilo que já é conhecido e aquilo que será dado conhecer. E, nessa constituição, cabe mencionar, como fator igualmente importante, a seleção lexical, original e oportuna, a qual vai pontuar as várias fases da vida do personagem na busca de seu objetivo.

## AD – ANÁLISE DO DISCURSO

Os vocábulos que dão suporte a essas escolhas são os nomes – substantivos e adjetivos – em sua maioria, *axiológicos* (avaliativos).

Nessas recategorizações, quando se apresentam juízos de avaliação, por meio de escolha lexical determinada e precisa, há ressignificação dos itens retomados, visto que as cadeias referenciais implicam progressão temática, diferentemente da pura repetição de itens lexicais, que, via de regra, são co-referenciais.

Além disso, a análise desses itens lexicais pode tornar-se um estudo de relevância didático-pedagógica, na medida em que a identificação da cadeia referencial liga-se a aspectos do ensino/aprendizagem relativos à compreensão/interpretação da leitura e produção textual – áreas de estudo interdependentes e com grande concentração de dificuldades. Muitas vezes problemas de concórdia verbal e nominal, de enunciados ambíguos ou truncados nos textos de nossos alunos decorrem da não percepção dos elementos correferenciais, o que implicará a dificuldade de ativação dos mecanismos de produção/compreensão de sentido.

A contribuição dessa investigação, portanto, está essencialmente ligada à importância do sistema referencial na coesividade e na organização tópica do texto e isso porque a própria interpretação textual implica a resolução do processo re(in)ferencial.

E mais ainda. Fica bem claro, nessa análise, ser possível um estudo integrado de categorias discursivas e lingüísticas, já que não se pode mais pensar num estudo de gramática compartimentalizado, centrado apenas na metalinguagem, reduzindo-se as aulas de língua portuguesa à taxonomia e à nomenclatura em si e por si.

### REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth (org.) *Imagens de si no discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.

———. Uma análise semiolingüística do discurso. In: PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (orgs.). *Da língua*

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

*ao discurso – reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CORBLIN, D. *Les formes de reprise dans le discours*. Rennes: Presses de l'Université de Rennes, 1995.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*. Paris: Colin, 1980.

KOCH, Ingedore V. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. **In:** *Lingüística e cognição. Veredas – revista de estudos lingüísticos*. Universidade Federal de Juiz de Fora. v. 6, n. 1, jan./jun. 2002.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. **In:** CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete BIASI; CIULLA, Alena (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

PERINI, Mário. *Sofrendo a gramática*. São Paulo: Ática, 2000.

## AD – ANÁLISE DO DISCURSO

### ANEXO

#### *O simpático*

(Silvio Lach)

Aproveitaram a festinha para apresentar o Carlinhos à Cláudia. Achavam que formariam um belo casal.

– Claudinha, este é o Carlinhos, aquele amigo que disse que era super simpático, lembra?

Claudinha até achou o Carlinhos um cara simpático, mas não o suficiente para merecer uns beijinhos na boca. Em 10 minutos, já estava se atracando com outro, uns 40 quilos menos simpático que ele.

O Carlinhos tinha suas virtudes. Porém, muito bem escondidas atrás da barriga e do nariz privilegiado, o que é cruel numa cidade como o Rio, terra das paixões à primeira vista. Só que cismou com a Claudinha. Ficou apaixonadíssimo e disse que não sossegava enquanto não ficasse com ela. Tinha um plano: precisava mudar de imagem, criar novos adjetivos, agregar valores. Afinal, simpático é sinônimo de feioso boa gente, balofo engraçado, carequinha agradável e coisas do tipo.

Deixou o cabelo crescer. Perdeu uns quilinhos. Ousou no guarda-roupa. Virou um simpático-estiloso, o que na escala de valores ainda valia menos que um surfistinha iniciante. Precisava de mais, muito mais.

Analisou o mercado. Notou que as mulheres gostavam do pessoal que fazia teatro. Em pouco tempo, já carregava o sotaque característico de artista da CAL. O plano, aparentemente, estava dando certo. Já ouvia nas apresentações: “Este é aquele amigo meu simpático que faz teatro”. O modelito simpático-estiloso-teatral já brigava em igualdade de condições com o imbecil do carro do ano, mas ainda era insuficiente para dar uns pegas na Claudinha. Continuou a montagem do personagem. Passou a devorar orelhas de livro, decorou citações, poemas de Fernando Pessoa e coisas do tipo. O quesito intelectual o fez galgar mais dois degraus, empatando com o roqueiro frustrado.

Não sabia mais o que fazer. Um dia, na praia, ao ver a Claudinha chegando com um mauricinho metido à besta, resmungou: “Droga, droga, droga, três vezes droga. É isso! Droga”. No outro dia pintou com óculos escuros do tipo “mamãe, eu fumo maconha”. Não aparecia mais sem *unzinho* pra galera. Nem sei se curtia aquilo, mas a tática funcionou. Afinal, quem não queria ser amigo de um simpático-estiloso-teatral-intelectual-doidão-pra-caramba?

Passou direto pelos filhinhos de papai e pelos marombeiros sem nada na cabeça. Mas a Claudinha, nem doadona, quis ficar com ele.

Detectou que o problema era grana. Precisava melhorar de vida. Não tardou para virar traficante. A venda de drogas abriu as portas da alta so-

cidade. Em pouco tempo, já conhecia os mais luxuosos banheiros da cidade. Virou amigo íntimo das narinas mais influentes. Afinal, agora era um simpático-estiloso-teatral-intelectual-doidão-pra-caramba-traficante classe A..

Armou uma festa para inaugurar o apartamento novo na Vieira Souto. Convidou artistas, políticos, milionários e, é claro, Claudinha. Foi a única convidada a conhecer a suíte máster. Casaram-se seis meses depois. Claudinha só fez uma exigência: tinha que largar o tráfico. Apaixonado topou. Foi aí que começou sua ruína. Seu gênero simpático-estiloso-teatral-intelectual-caretão não agradou à galerinha. Foi denunciado porque um ex-traficante representa um grande risco.

No primeiro dia de cadeia, teve o quesito cabeludo raspado. O estilo foi trocado na entrada pelo uniforme listrado azul e branco. Por medida de segurança, achou mais prudente abandonar o gênero intelectual e teatral, pois isso na cadeia é coisa de boiola. Por simples questão de nomenclatura, passou de simpático para “ô simpatia”, o que na cadeia vale menos do que um trombadinha. Pegou 10 anos e uns quebrados. Fui incumbido pela Claudinha de dizer a ele que ela queria o divórcio. Ele aceitou numa boa. Afinal, era um cara muito simpático.

(Domingo /JB, 25 de fevereiro de 2007)